

**ENSINO, PESQUISA, APRENDIZAGEM: A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA  
PROMOÇÃO DA CONSTRUÇÃO DE SABERES SOBRE SEXUALIDADE**

Rosemary Rodrigues De Oliveira, Ana Paula Leivar Brancaleoni

Eixo 1 - Formação inicial de professores para a educação básica  
- Relato de Experiência - Apresentação Oral

O Projeto de Extensão 'Sexualidade, Educação e Juventude' SEJu, objetiva se constituir enquanto espaço formativo para os licenciandos em Ciências Biológicas, proporcionando condições de reflexão e subjetivação de questões referentes à sexualidade, favorecendo a formação de professores capacitados para lidar com o tema no cotidiano escolar. O presente estudo objetiva analisar o potencial formativo desse projeto de extensão, para atuação com a questão da sexualidade no cotidiano escolar, assim como a possível ressignificação de valores por parte dos universitários. Utilizou-se metodologia qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados os registros realizados ao longo dos oito anos do projeto, que foram analisados através da metodologia de análise de conteúdo. Constatou-se que a participação no projeto é percebida como significativa, sendo indicada como responsável por mudanças de concepções, preconceitos, estereótipos e posturas referentes ao tema sexualidade. Entendem-se ainda mais preparados para o trabalho com o tema em sua atuação docente. Palavras chave: sexualidade, ensino de Ciências e Biologia, formação de professores, extensão universitária.

## ENSINO, PESQUISA, APRENDIZAGEM: A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PROMOÇÃO DA CONSTRUÇÃO DE SABERES SOBRE SEXUALIDADE

Rosemary Rodrigues de Oliveira; Ana Paula Leivar Brancaleoni. Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Campus Jaboticabal - SP UNESP Universidade Estadual Paulista.

### Introdução

Ensino e aprendizagem compõem, de forma indissociável e não polarizada, o mesmo processo. Trata-se de algo complexo, vivo e marcado constantemente por desafios e enfrentamento de contradições.

Conforme prevê a concepção da Universidade brasileira, a mesma deve se sustentar por um tripé ensino/pesquisa/extensão, constituindo-se uma unidade, ou seja, apresentando um caráter intimamente imbricado.

Portanto, o espaço da extensão universitária deve ser intimamente pensado enquanto um lugar de efetiva aprendizagem e construção de conhecimentos e não mera transmissão ou reprodução daquilo que se processou no ensino e/ou pesquisa. Não se trata de treino de habilidades profissionais e conhecimentos previamente definidos, mas íntima construção de novos saberes através da *práxis* (MARTINS, 2008). Mesmo porque a realização de tarefas, em si, não é promotora de desenvolvimento e transformação dos sujeitos (BLEGER, 1993). Como afirma Martins (2008):

Concordamos que a universidade deva retornar à sociedade o saber que dela se origina, mas numa busca incessante pela profunda compreensão da realidade social que a comporta; compreensão, apenas factível, pela mediação do pensamento abstrato construído e retroalimentado pelo ensino e pela pesquisa. Nesse sentido, a extensão ocupa lugar tão importante quanto o ensino e a pesquisa, pois é, sobretudo, por meio dela que os dados empíricos imediatos e teóricos se confrontam, gerando as permanentes reelaborações que caracterizam a construção do conhecimento científico (MARTINS, 2008, p. 81).

Martins (2008) vai ainda além posicionando a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão enquanto “*fundamento metodológico do ensino superior*” (p.83), devendo ser norteadora de todo o complexo processo de formação dos estudantes.

Contudo, para que tais premissas se efetivem, é necessário que os projetos e propostas de extensão reflitam sobre suas configurações, bem como acerca da estrutura e dinâmica assumidas para o mesmo, se estas favorecem, ou não, o desenvolvimento de todos os seus membros, sejam eles graduandos, docentes ou comunidade.

Partindo dessas considerações, pretende-se apresentar e analisar a configuração de um projeto de extensão universitária, buscando compreender em que medida a mesma favorece a manutenção do tripé ensino/pesquisa/extensão, enquanto promotor de

aprendizados múltiplos aos sujeitos do processo (graduandos, docentes e comunidade), superando ações de mera exposição dos alunos a contextos práticos, em que reproduzem mecanicamente atividades que podem, ou não, futuramente favorecer oportunidades vindouras no mercado de trabalho (MARTINS, 2008). Desta forma pretende-se analisar a estrutura e a dinâmica do projeto em questão, destacando:

- A relação estabelecida entre graduandos, docentes e comunidade, articulada ao tripé ensino/pesquisa/extensão;
- A função das supervisões enquanto espaço formativo;
- A vivência em grupo enquanto espaço de formação para os futuros docentes;
- A adoção da pesquisa-ação na produção do conhecimento.

### **Marco Teórico**

A sexualidade, independentemente de sua potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer. Trata-se de uma necessidade fundamental dos seres humanos que se manifesta desde o nascimento até a morte, de formas diferentes, a cada etapa do desenvolvimento, envolvendo as dimensões biológica, psíquica e sociocultural. Assim, a sexualidade se constrói a partir das possibilidades individuais e da interação com o meio e a cultura, permeadas de valores, crenças e de padrões socialmente estabelecidos de feminino e masculino.

De acordo com Seffner (1998), o ambiente escolar é um local atravessado pela sexualidade. A escola, lugar de informação e formação, na qual estão presentes todas as áreas do conhecimento de forma ordenada, que constituem um percurso a ser desenvolvido pelo aluno, é também um conjunto de relações sociais e humanas. O mesmo autor refere que a sexualidade é um tema que provoca temores em muitos professores, pois no bojo do mesmo costuma vir uma série de assuntos polêmicos e/ou constrangedores: sexo, drogas, homossexualidade, promiscuidade, doença, pecado, discriminação, gênero, entre outros (SEFFNER, 1998). Devido a esses temores, os professores muitas vezes acabam por disseminar, através de aulas baseadas em uma metodologia eminentemente transmissiva, uma visão reducionista dos assuntos referentes ao sexo e à sexualidade, pautando-se em uma visão higienista sendo o estudo do mesmo delegado ao campo da Biologia (REIS; RIBEIRO, 2005).

Conforme aponta Silva (2002), o mais sério erro dos projetos que visam emancipação, promoção de cidadania e transformações de ações dos sujeitos é sua restrição à transmissão de informações e técnicas. Desse modo, mesmo que a informação seja clara, objetiva e adequada aos diferentes tipos de segmentos da população, ela, em si, não garante a sensibilização pessoal ou do coletivo e, portanto, não resulta na incorporação de um novo conhecimento ao cotidiano.

Pensando nisso, a partir de demanda dos licenciandos em Ciências Biológicas, que diagnosticaram que não possuíam subsídios para o enfrentamento do tema sexualidade assim como lhes era solicitado no cotidiano da escola, é desenvolvido, desde 2005, o Projeto de Extensão SEJu que visa se constituir enquanto um duplo espaço formativo: para os licenciandos participantes e para os jovens da escola pública.

### **Metodologia**

O presente trabalho adota uma metodologia qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Foi utilizado como instrumento de coleta de dados a análise documental dos registros realizados pelos docentes coordenadores ao longo dos oito anos de existência do Projeto de Extensão.

Os dados foram organizados e analisados a partir do método de análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Inicialmente foram identificadas as unidades de registro que posteriormente foram classificadas e agregadas em categorias temáticas. Os dados foram discutidos à luz dos referenciais teóricos que norteiam o estudo.

### **Por uma apresentação e análise do processo**

Nesse tópico visa-se ultrapassar o caráter descritivo (conscientes de que toda descrição se dá a partir de um limite de olhar), buscando articular elementos de análise dos processos vividos, organizados a partir das seguintes categorias, que foram construídas por alicerce dos objetivos traçados para o presente trabalho: configuração e dinâmica do projeto; relações entre os sujeitos do projeto; o trabalho com/em grupo; a função das supervisões; a pesquisa-ação na produção do conhecimento.

### **Estrutura e dinâmica do Projeto em questão**

O projeto nasceu a partir da demanda de um grupo de alunos que, após a participação em um evento sobre educação, organizado pelo curso de licenciatura em Ciências Biológicas ao qual pertenciam, sentiram-se motivados a compor/participar de algo que os aproximasse da comunidade.

Procuraram uma docente para saber das possibilidades existentes e, como resultante desse diálogo, propôs-se a constituição de um Projeto de Extensão com o objetivo principal de trabalhar, através de oficinas, o tema sexualidade principalmente junto a jovens de escolas públicas do município.

A escolha do tema pautou-se na experiência de trabalho da docente, no reconhecimento da importância deste tema para a comunidade, mas especialmente na lacuna identificada no processo de formação desses alunos que não contemplava adequadamente as discussões acerca da sexualidade no cotidiano escolar, desafio que certamente

enfrentariam na condição de profissionais. Ao longo do processo de constituição, outra docente agregou-se à coordenação.

O trabalho é desenvolvido desde 2005, em escolas públicas do município de Jaboticabal. Tem como objetivo trabalhar temas relativos à sexualidade e práticas preventivas, junto a adolescentes. Para tanto, são desenvolvidas oficinas, com frequência semanal (cerca de doze, no total). Tem-se como objetivos específicos: prover a clarificação de valores, através de um ambiente favorável à reflexão e expressão; fornecer informações sobre doenças sexualmente transmissíveis; possibilitar a subjetivação de informações acerca de sexualidade e DSTs; promover o respeito à diferença e à diversidade; possibilitar que o adolescente se sinta responsável por suas escolhas. Além disso, também se pretende a formação de futuros educadores mais capazes para o trabalho com o tema em seu cotidiano pedagógico.

Pauta-se nos pressupostos das metodologias participativas, tendo como ponto de partida para as ações os sujeitos, para os quais as mesmas são direcionadas. Assim, os jovens são entendidos enquanto agentes ao longo de todo o processo, visto que se busca ultrapassar a mera transmissão de informações, possibilitando o desenvolvimento da reflexão e a subjetivação dos conteúdos (SILVA, 2002).

Cada encontro é registrado em diário de campo e discutido em supervisão com as docentes coordenadoras e demais alunos membros do projeto. Assim, a intervenção é construída durante todo o processo, tendo como alicerce as demandas específicas de cada grupo. Além disso, são realizados leituras e estudos de bibliografias pertinentes.

Os graduandos, antes de iniciarem o processo de trabalho com os grupos realizam uma formação em que vivenciam as discussões e dinâmicas que possivelmente coordenarão na escola. Os registros dos trabalhos e supervisões também se constituem em fonte de dados a serem estudados e analisados.

Entende-se que a estrutura e a dinâmica do projeto colaboram para o desenvolvimento também dos universitários, na medida em que não há uma cisão entre o pensar e o executar (BLEGER, 1998). Na medida em que não há um planejamento rígido da trajetória dos grupos, os graduandos compõem o processo de planejamento contínuo que só é possível, através da reflexão e análise do caminhar de cada grupo específico, ultrapassando o caráter de mera transmissão de conhecimentos técnicos (MARTINS, 2008).

### **Relação entre os sujeitos do projeto e o trabalho com/em grupo**

Prima-se para que os membros que compõem o SEJu também se constituam enquanto um grupo.

Como diz Bleger (1993), o trabalho em grupo oportuniza interações entre os sujeitos, em que, ao mesmo tempo em que esses aprendem, também se constituem como sujeitos do saber. Dessa forma, nos processos de grupo, concomitantemente se aprende e ensina. Como afirma o autor:

o ser humano está integralmente incluído em tudo aquilo em que intervém, de tal maneira que quando existe uma tarefa sem resolver há, ao mesmo tempo, uma tensão ou conflito psicológico, e quando é encontrada uma solução para um problema ou tarefa, simultaneamente fica superada uma tensão ou um conflito psicológico (BLEGER, 1993, p. 62).

Assim, o grupo universitário, ao tomar para si, a reflexão acerca dos desafios e tensões que vão se configurando ao longo das oficinas que desenvolvem com os adolescentes, problematiza também suas concepções, posturas e ações, bem como espelha, uns aos outros, questões despertadas por aquele trabalho, mas que, até então, não puderam ser reconhecidas pelos sujeitos. Além disso, tem-se a oportunidade de refletir acerca dos processos grupais por um outro prisma, qual seja aquele de se constituir enquanto membro de um grupo que se propõe a trabalhar com outros.

Entendemos que o desenvolvimento de condição de trabalhar com grupos só é possível através da atuação refletida, o que inclui a necessidade do estudo dos conhecimentos teóricos, e que, portanto, pressupõe uma relação vivencial. Assim, pressupõem-se a compreensão do conhecimento enquanto um processo de construção contínua, em que as cristalizações apenas reduzem a compreensão e reproduzem as condições sociais postas (MARTINS, 2008).

Dessa forma, busca-se uma relação de parceria, para a efetiva construção do conhecimento, entre docentes, graduandos e comunidade, cada qual compreendido como detentor de saberes, mas também capaz de transformações e novos aprendizados. Essa configuração se torna ainda mais premente quando se trabalha com o tema sexualidade, em que é necessário superar os próprios estereótipos e visões normativas, para que efetivamente sejam construídos espaços de reflexão, subjetivação e clarificação de sentimentos que favoreçam a vivência da sexualidade mais consciente.

Destaca-se que posturas que negassem os saberes, sentidos e vivências de qualquer dos grupos de sujeitos (universitários, docentes e comunidade), no trabalho com a sexualidade, reproduziriam normatizações e normalizações, sem oportunizar uma compreensão da sexualidade enquanto um processo contínuo de construção que compõem intimamente nossa identidade. Reproduzir-se-ia, portanto, um modelo higienista (REIS; RIBEIRO, 2005).

## **A função das supervisões**

Semanalmente ocorrem supervisões, compostas pelos graduando e as duas professoras coordenadoras do projeto.

Como afirmam Fernandes; Barletta (2004) “O termo *supervisão*, segundo vários dicionários, refere-se a *dirigir, orientar, inspecionar*” (p.16), tendo a sua origem na relação hierárquica e de fiscalização entre mestres e aprendizes nas corporações de ofício na idade Média.

Contudo, tomamos o momento da supervisão como um possível encontro entre docentes e universitários, com seus olhares distintos, na busca da construção de uma visão, o mais complexa possível, acerca das vivências com os grupos. Assim, não se trata de negar a importância da experiência e dos conhecimentos dos docentes coordenadores, mas sim de demarcar a compreensão de que não se pode avançar no conhecimento a partir de uma relação em que uma das partes funciona como o “super visor”, aquele que está posto para controlar e fiscalizar o andamento de dado trabalho, como afirmam os autores:

A supervisão é uma experiência muito rica na qual tanto o supervisor como os supervisionados podem compartilhar suas ideias e conhecimentos. É um processo um tanto longo, difícil, complexo e adorável, pois se percebe o grupo crescer como um todo assim como seus participantes em particular (FERNANDES; BARLETTA, 2004, p.16).

Assim, talvez o termo mais adequado, para descrever esse processo, fosse “atervisão”, não uma compreensão/visão que é superior, mas outra visão que colabora para o desenvolvimento de universitários, professores e comunidade.

É no momento da supervisão que cada encontro com os adolescentes é apresentado, refletido e, a partir das percepções dos universitários/coordenadores, demais membros do grupo de supervisão e dúvidas postas pelos jovens em caixinhas destinadas para tal, o próximo encontro com o grupo é planejado.

Ao longo dos processos de supervisão é possível acompanhar a reconstrução de sentidos trazidos por universitários e docentes, bem como o reconhecimento e a desconstrução de preconceitos e estereótipos.

Entende-se que o espaço da supervisão é, portanto, privilegiado para construção do conhecimento e formação dos universitários, em uma perspectiva em que se prima pela indissociabilidade da teoria e da prática.

## **A pesquisa-ação na produção do conhecimento**

No projeto em questão, intervenção e pesquisa também não são compreendidas de forma estanque. Afinal, o encontro com o real é um convite constante à busca de uma

compreensão sistemática, organizada e aprofundada. Dizemos, portanto, da teoria que transforma o real, mas também a si constantemente quando confrontada com o mesmo. Assim, adota-se a pesquisa-ação.

Tripp (2005, p. 463) compreende:

a pesquisa-ação como uma variedade de investigação-ação, na qual se empregam técnicas de pesquisa, de qualidade suficiente para enfrentar a crítica dos pares na universidade, para informar o planejamento e a avaliação das melhorias obtidas.

Para tanto, adolescentes e responsáveis são esclarecidos acerca desse caráter do projeto, só compondo os resultados de pesquisa aqueles que concordam formalmente, através da assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido.

Entende-se essa perspectiva como também potencial de ruptura com visões estereotipadas e medicalizantes da sexualidade e da adolescência. Isso porque a pesquisa-ação permite aos universitários, em formação, a compreensão conhecimento enquanto uma construção social, que se dá na relação da realidade com os pesquisadores.

Ao buscar compreender as configurações distintas dos grupos trabalhados, lança-se luz na diversidade que não pode ser escalonada, ou representada com justiça por padrões pré-fixados. A realidade pode revelar-se, assim, múltipla, polifônica e aberta a olhares muito distintos.

Visa-se, ainda, dessa forma chegar à indicação de Martins (2008) daquilo que, na compreensão dela, deve ser “*fundamento metodológico do ensino superior*” (p. 83): a indissociabilidade ensino/pesquisa/extensão.

### **Considerações Finais**

O projeto em questão sustenta-se por pilares alicerçados na compreensão de sexualidade que está em sua base, sendo esta um processo contínuo de construção humana, muito além da prática sexual, mas que constitui a própria identidade do sujeito através das relações que estabelece com o outro, com o próprio corpo e com o prazer. Assim, visa-se favorecer processos formativos que rompam com visões estereotipadas e biologizantes da sexualidade, superando a visão higienista que predomina nos processos educacionais escolares.

Para tanto, pensou-se um projeto que favorecesse o desenvolvimento dessa perspectiva acerca da sexualidade, bem como a indissociabilidade ensino/pesquisa/extensão fundamentassem sua própria estrutura e dinâmica. Tem-se como princípios fundantes nesse projeto:



- A relação estabelecida entre graduandos, docentes e comunidade, articulada ao tripé ensino/pesquisa/extensão;
- As supervisões enquanto espaço formativo;
- A vivência em grupo enquanto espaço de formação para os futuros docentes;
- A adoção da pesquisa-ação na produção do conhecimento.

A experiência com o projeto indica para a importância da perspectiva metodológica que assume o processo de ensino/aprendizagem, no ensino superior, fundamentado no tripé ensino/pesquisa/extensão. Trata-se de uma condição de construção contínua de conhecimento entre parceiros, que ocupam funções distintas, contudo não subjugadas.

Aprender a trabalhar com/em grupos, propicia a vivência que pode ser problematizada, refletida e compreendida. Isso colabora para o desenvolvimento de saberes acerca de dinâmica e manejo de grupos que não seriam possíveis fora dos universos experiencial e teórico articulados em uma unidade.

O trabalho com grupos também favorece a circularidade de papéis entre os diversos componentes do mesmo (sejam eles da universidade ou da comunidade). Assim, hora se ocupa a posição de quem aprende e hora de sujeito do saber. Nessa configuração, todos são representados como capazes e, dessa forma, sujeitos no processo de construção de seus conhecimentos e ações. Destarte, podem-se questionar sentidos, estereótipos, preconceitos e ações.

Destaca-se, também, que o espaço das supervisões mostrou-se bastante significativo para o processo de formação do coletivo.

O conhecimento compreendido enquanto um processo de construção contínua, em uma relação dialética teoria/prática, oportuniza a ruptura com conceitos institucionalizados, normatizações e normalizações, em que a sexualidade é reduzida a uma compreensão biologicista e higienista. Assim, entende-se a pesquisa-ação enquanto um recurso metodológico importante.

### **Referências**

AFONSO, L. *Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial*. Belo Horizonte: Edições do Campo Social. p. 11-59, 2002.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70. 1977.

BLEGER, J. *Temas de psicologia: entrevistas e grupos*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora, 1994.

FERNANDES, B. S.; BARLETTA, J. B. A supervisão, o supervisor e os supervisionandos.

*Rev. SPAGESP*. Ribeirão Preto, v. 5, n. 5, dez. 2004. Disponível em

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702004000100004&lng=pt&nrm=iso)

[29702004000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702004000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 11 maio 2013.

MARTINS, L. M. Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão como fundamento metodológico da construção do conhecimento na Universidade. In: PINHO, S. Z. *Oficinas de Estudos Pedagógicos: Reflexões sobre a prática do Ensino Superior*. São Paulo: Cultura Acadêmica: Universidade Estadual Paulista, Pró Reitoria de Graduação, p. 73-85, 2008.

REIS, G. V.; RIBEIRO, P. R. M. Sexualidade e educação escolar: algumas reflexões sobre orientação sexual na escola. In: Bortolozzi, A. C.; Maia, A. F. (orgs.). *Sexualidade e infância*. Série Cadernos Cecenca. Bauru: FC/Unesp: Cecenca. v. 1. p. 37-46, 2005.

SEFFNER, F. Aids & Escola. In: Meyer, D. E. E. (org.). *Saúde e Sexualidade na Escola*. Porto Alegre: Mediação. p.125-143, 1998.

SILVA, R. C. *Metodologias Participativas para Trabalhos de Promoção de Saúde e Cidadania*. São Paulo: Vetor. 2002.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 31, n. 3, dez. 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022005000300009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000300009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em : 11 maio 2013.